

Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato*

Ricardo ANTUNES**

Nos últimos anos, ao mesmo tempo em que perdeu relevância o debate em torno do *fim do trabalho*, dada sua monumental fragilidade teórica e empírica, obteve certo destaque um conjunto de formulações que *unilateralizam* o trabalho, associando-o diretamente ao capitalismo e seu trabalho *assalariado* e *abstrato*, de tal modo que qualquer esforço de emancipação humana e societal somente poderia ser vivenciada a partir da *negação do trabalho*.

Ainda que a linhagem de autores seja ampla, poderíamos destacar aqui nossos principais interlocutores. No entanto, embora estes tenham sido tematizados diretamente em vários outros textos, aqui não o faremos. Nosso diálogo tem Robert Kurz e sua crítica à subordinação do trabalho à *forma-mercadoria*, André Gorz e sua formulação mais recente da *imaterialidade do trabalho* descompensando a lei do valor e ainda John Holloway

que visualiza no *fim do trabalho abstrato* (e, por consequência, na *eliminação do trabalho*) o caminho necessário para a emancipação, os interlocutores preferenciais que inspiram nosso contraponto crítico.

I

É por demais conhecida a passagem decisiva de *O Capital*, em que Marx apresenta sua concepção de trabalho. Ao diferenciar o pior arquiteto da melhor abelha, ele afirma que o arquiteto

[...] obtém um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetiva uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objeto, que ele sabe que determina, como lei, espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1983, p. 149-150).

E complementa:

* Esse artigo retoma idéias apresentadas nos livros abaixo mencionados, em particular *Adeus ao Trabalho?* e *Os Sentidos do Trabalho*, e foi recentemente publicado no exterior, com algumas alterações em: ANTUNES, Ricardo. La dialética entre el trabajo concreto y el trabajo abstracto. **Herramienta**: debate y crítica marxista, Buenos Aires, n.44, 2010. Disponível em: <<http://www.herramienta.com.ar/revista-herramienta-n-44/la-dialectica-entre-el-trabajo-concreto-y-el-trabajo-abstracto>>. Acesso em: ago. 2010.

** Professor Titular de Sociologia do Trabalho no IFCH/UNICAMP é autor, dentre outros livros, de *Adeus ao Trabalho?* (14ª edição, Cortez), *Os Sentidos do Trabalho* (Boitempo, 11ª edição) e *Infoprotetários (Degradação Real do Trabalho Virtual)*, co-organização (Boitempo). Coordena as Coleções Mundo do Trabalho (Boitempo) e Trabalho e Emancipação (Ed. Expressão Popular). E-mail: rantunes@unicamp.br

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana (MARX, 1983, p. 50).

Através do trabalho ocorre uma dupla transformação, uma vez que o ser social que trabalha atua sobre a natureza; *desenvolve as potências nela ocultas* (MARX, 1983) ao mesmo tempo em que ele mesmo se autotransforma. E é através dessa complexa processualidade que trabalho humano-social se converte em elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana.

Porém, quando se estuda o trabalho humano e social, Marx acrescenta que é imperioso compreendê-lo em sua dúplici dimensão, dada pelo *trabalho concreto* e pelo *trabalho abstrato*. Em suas palavras:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor das mercadorias. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil, produz valores de uso (MARX, 1983, p.53).

Mas, a partir da vigência do sistema de metabolismo social do capital, o caráter útil do trabalho, sua dimensão concreta tornam-se subordinados a outra condição, a de ser *dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual*, socialmente determinada para gerar mais-valor.

Aqui aflora o *trabalho abstrato* que faz desaparecer as diferentes formas de trabalho *concreto* que, segundo Marx, reduzem-se a uma única espécie de trabalho, o *trabalho humano abstrato*, dispêndio de energias físicas e intelectuais, necessárias para a produção de mercadorias e de valorização do capital.

Isso nos permite chegar a uma primeira conclusão: se podemos considerar o trabalho como um momento fundante da sociabilidade humana, como *ponto de partida do processo de seu processo de humanização*, também é verdade que na sociedade capitalista, o trabalho torna-se assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado, fetichizado e abstrato. Ou seja, ao mesmo tempo em que ele é imprescindível para o capital, ele é um elemento central de sujeição, subordinação, estranhamento e reificação. O trabalho se converte em mero *meio de subsistência*, tornando-se uma *mercadoria especial*, a força de trabalho, cuja finalidade precípua é valorizar o capital.

Deformado e desfigurado em seu sentido original. Voltado para a criação de coisas úteis, o trabalho torna-se um *meio* e não mais “[...] primeira necessidade [...]” de realização humana. O trabalhador “[...] decai a uma mercadoria [...]”, torna-se “[...] um ser estranho a ele, um meio da sua existência individual [...]” (MARX, 1983, p.152). E acrescenta:

Segundo leis da economia política o estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa de maneira que quanto mais o trabalhador produz tanto menos

tem para consumir, que quanto mais valores cria, tanto mais se torna sem valor e sem dignidade, que tanto melhor formado o seu produto, tanto mais deformado o trabalhador, que tanto mais civilizado o seu objeto, tanto mais bárbaro o trabalhador, que quanto mais poderoso o trabalho, tanto mais impotente se torna o trabalhador, que quanto mais rico de espírito o trabalho, tanto mais o trabalhador se torna pobre de espírito e servo da natureza (MARX, 1983, p. 152).

O resultado do processo de trabalho, o produto, aparece, então, como algo *alheio e estranho ao produtor*. Tem-se, então, que essa realização efetiva do trabalho aparece como *desefetivação do trabalhador* (MARX, 1983, p. 149). Essa condição de alienidade (que Marx também denomina como *estranhamento*, dado que a ênfase é a pura negatividade) não se efetiva apenas no resultado da produção, na perda do objeto produzido, mas abrange também o próprio ato de produção, pois esta já se efetiva no espaço mesmo atividade produtiva alienada.

Em suas palavras: no estranhamento do objeto do trabalho só se resume o estranhamento, a alienação na atividade mesma do trabalho (MARX, 1983, p. 152-153).

O que significa dizer que, sob o capitalismo, o trabalhador não se reconhece, mas se nega no trabalho:

Daí que o trabalhador só se sinta junto a si fora do trabalho e fora de si no trabalho. Sente-se em casa quando não trabalha e quando trabalha não se sente em casa. O seu trabalho não é, portanto, vo-

luntário, mas compulsório, trabalho forçado. Por conseguinte, não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele (MARX, 1983, p. 153).

Seria útil recordar que, em seus *Extratos de Leitura sobre J. Mill*, no qual apresenta pela primeira vez sua concepção de trabalho e alienação, Marx já antecipava sua formulação excepcional rica e dialética:

Meu trabalho seria livre projeção exterior de minha vida, portanto desfrute de vida. Sob o pressuposto da propriedade privada (em troca) é estranhamento de minha vida, posto que trabalho para viver, para conseguir os meios de vida. Meu trabalho não é vida. [...] Uma vez pressuposta a propriedade privada, minha individualidade se torna estranhada a tal ponto, que esta atividade se torna odiosa, um suplício e, mais que atividade, aparência dela; por consequência, é também uma atividade puramente imposta e o único que me obriga a realizá-la é uma necessidade extrínseca e acidental, não a necessidade interna e necessária (MARX, 1978, p. 293 e 299).

Desse modo a alienação, enquanto expressão de uma relação social fundada na propriedade privada, no dinheiro e no trabalho abstrato, apresenta-se como "[...] abstração da natureza específica, pessoal [...]" do ser social que "[...] atua como homem que se perdeu a si mesmo, desumanizado [...]" (MARX, 1978, p. 278).

Alienado e estranhado frente ao produto do seu trabalho e frente ao próprio ato de produção da vida material, o ser social torna-se um ser estranho frente a ele mesmo: o homem estranha-se em relação

ao próprio homem. Torna-se, portanto, estranho em relação ao próprio gênero humano (MARX, 1978, p. 158).

Ao invés do trabalho como *atividade vital*, à luz da conceitualização de Marx – presente nos *Manuscritos de 1844* e em *O Capital* –, ainda que de modo breve, tem-se uma forma de objetivação do trabalho, em que as relações sociais estabelecidas entre os produtores assumem, segundo Marx, a forma de relação entre os produtos do trabalho. A relação social estabelecida entre os seres sociais adquire a forma de uma relação entre coisas. Emerge, então, o problema crucial do fetichismo:

A igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material da igual objetividade de valor dos produtos de trabalho; a medida do dispêndio de forças de trabalho do homem, por meio de sua duração, assume a forma da grandeza de valor dos produtos de trabalho; finalmente, as relações entre os produtores, em que aquelas características sociais de seus trabalhos são ativadas, assumem a forma de uma relação social entre os produtos de trabalho (MARX, 1983, p. 71).

Com a prevalência da dimensão *abstrata* do trabalho em relação a sua dimensão *concreta*, aflora o *caráter misterioso ou fetichizado da mercadoria*: ela encobre as dimensões sociais do próprio trabalho, mostrando-as como inerentes aos produtos do trabalho. Mascaram-se as relações sociais existentes entre os trabalhos individuais e o trabalho total, apresentando-as como relações entre objetos coisificados: "[...] não é mais nada que determinada relação social entre os próprios

homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas" (MARX, 1983, p. 71).

Na vigência do valor de troca, o vínculo social entre as pessoas se transforma em uma *relação social entre coisas*: a capacidade pessoal transfigura-se em capacidade das coisas (MARX, 1983). Trata-se, portanto, de uma relação reificada entre os seres sociais.

Portanto, podemos dizer que, se por um lado, o trabalho é uma atividade vital, com o advento do capitalismo, deu-se uma mutação essencial que adulterou profundamente o trabalho humano.² E a incompreensão e desconsideração desta *dupla e decisiva dimensão* presente no trabalho, vem permitindo com que muitos autores entendam equivocadamente a crise da sociedade do *trabalho abstrato* como expressão da crise da sociedade do *trabalho concreto*. E, desse modo, defenderem equivocadamente o fim do trabalho. Contra qualquer reducionismo, unilateralização, Marx apreende a profunda processualidade dialética presente no trabalho.

II

² Marx valeu-se, inclusive, de dois termos distintos (em inglês) para melhor caracterizar esta dimensão ampla do trabalho: *work* e *labour*. O primeiro termo (*work*), dotado de positividade, mais próximo da dimensão *concreta* do trabalho, que cria valores socialmente úteis e necessários. O segundo termo (*labour*) expressa a dimensão cotidiana do trabalho sob a vigência do capitalismo, mais aproximada à dimensão *abstrata* do trabalho, ao trabalho alienado e desprovido de sentido humano e social. Ver a obra de Antunes (2010; 2010a).

Do que foi indicado acima, depreende-se que, não é só possível, mas absolutamente necessário conceber uma forma de sociabilidade que recuse o trabalho abstrato e assalariado, resgatando o sentido original do trabalho como atividade vital. Por isso cremos que um desafio imperioso de nosso tempo é construir um novo sistema de metabolismo social, um novo modo de produção e da vida fundado na *atividade livre, autônoma e auto determinada*, baseada no tempo disponível para produzir valores de uso socialmente necessários, contra a produção heterodeterminada (baseada no tempo excedente para a produção exclusiva de valores de troca para o mercado e para a reprodução do capital). O trabalho abstrato não nasceu com o trabalho em sua forma primeva, mas pela intercorrência e interposição da “[...] segunda natureza [...]” (MARX, 1983), que introduziu a mediação do dinheiro como capital em todas as atividades humanas e, em especial, no trabalho. Portanto, o primeiro desafio, em nosso entendimento, é eliminar o *trabalho abstrato* – criação pelas *mediações oriundas da introdução de “[...] segunda natureza [...]”* (MARX, 1983).

Para tanto, dois princípios vitais se impõem:

- 1) o sentido societal dominante será voltado para o atendimento das efetivas necessidades humanas e sociais vitais, sejam elas materiais ou imateriais, sem nenhuma intercorrência do capital, que deve ser eliminado;
- 2) o exercício do trabalho, desprovido de suas formas distintas de assalariamento e alienação – em suma, de trabalho abstrato –, somente poderá efetivar-se através da recuperação/recriação, em novos patamares, do traba-

lho enquanto sinônimo de autoatividade, isto é, atividade livre baseada no tempo disponível.

Sabemos que, com o domínio da lógica do capital e seu sistema de metabolismo societal, a produção de valores de uso socialmente necessários subordinou-se ao seu valor de troca. E, para tanto, as funções produtivas e reprodutivas vitais, bem como o controle e o comando do seu processo foram radicalmente separadas entre aqueles que produzem e aqueles que controlam. Como disse Marx (1983), o capital operou a separação entre trabalhadores e meio de produção, entre o caracol e a sua concha, aprofundando-se a separação entre a produção voltada para o atendimento das necessidades humano-sociais e as necessidades de auto-reprodução do capital. Para mantermos a excelente metáfora, a reunificação do caracol e sua concha, do trabalho e seu pleno controle e autonomia no mundo da produção social, é imperativo central.

O segundo princípio societal vital, imprescindível para a instauração de uma outra forma de sociabilidade – o que Marx denominou com *associação livre dos trabalhadores* ou dos *trabalhadores livremente associados* –, será dado pela conversão do trabalho em *atividade vital, livre, auto-atividade*, fundada no tempo disponível.

Isso, por sua vez, significa recusar a junção interposta pelo capital, entre tempo de trabalho necessário para a reprodução social dos trabalhadores e tempo de trabalho excedente para a reprodução do capital. A instauração do princípio livre e

autodeterminado do *tempo disponível* é o único antídoto real contra a vigência do capital e de seu trabalho abstrato. Portanto, nossa luta central é e continuará sendo contra todos os constrangimentos presentes no sistema de metabolismo sócio-econômico do capital, que deve ser radicalmente eliminado. A *abstração do trabalho* realizada pelo capitalismo deve ser demolida e superada pela concretude do trabalho dotado de sentido.

O exercício do trabalho autônomo, eliminado o dispêndio de tempo excedente para a produção de mercadorias, eliminado também o tempo de produção *destrutivo* e *supérfluo* (esferas estas controladas pelo capital), possibilitará o resgate verdadeiro do *sentido estruturante do trabalho vivo*, contra o *sentido (des)estruturante do trabalho abstrato para o capital*.

Isso porque, sob o sistema de metabolismo social do capital, o trabalho que *estrutura* o capital, *desestrutura* o ser social. Numa nova forma de sociabilidade, ao contrário, o florescimento do *trabalho efetivamente humano e social, exercido através do atendimento das autênticas necessidades humano-sociais, desestruturará o capital*. Dando um novo *sentido* tanto à vida dentro do trabalho, quanto à vida fora do trabalho.

E, desse modo, demolindo também as barreiras existentes entre *tempo de trabalho* e *tempo de não-trabalho*, de forma que, a partir de uma *atividade vital* cheia de sentido e autodeterminada, *para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente* e, portanto, sob ba-

ses inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade, tecida por *indivíduos* tornados *sociais e livremente associados*, onde ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e *otium*, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões. Em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente.

O exercício do trabalho autônomo, eliminado o dispêndio de tempo excedente para a produção de mercadorias, eliminado também o tempo de produção *destrutivo* e *supérfluo* (esferas estas controladas pelo capital), possibilitará o resgate verdadeiro do *sentido estruturante do trabalho vivo*, contra o *sentido (des)estruturante do trabalho abstrato para o capital*. *Seu autêntico sentido omnilateral e não unilateral*.

Isso porque o trabalho que *estrutura* o capital desestrutura o ser social, isto é, o *trabalho assalariado* que dá sentido ao capital, gera uma *subjetividade inautêntica*, alienada e estranhada no próprio ato de trabalho. Numa forma de sociabilidade autenticamente socialista e auto-sustentada, o trabalho, ao *reestruturar* o sentido humano e social da produção, *desestruturará* o capital e seu sistema de mercado. E esse mesmo *trabalho autodeterminado* que tornará *sem sentido* o capital, eliminado-o, gerará as condições sociais para o florescimento de uma *subjetividade autêntica* e emancipada, dando um

novo *sentido ao trabalho* e à vida, ambas, então, dotadas de verdadeiro sentido.

Uma vez que, durante o capitalismo, as funções produtivas básicas bem como o seu *controle* foram radicalmente separados dos trabalhadores, entre aqueles que *produzem* e aqueles que *controlam* os meios capitalistas de produção, recuperar a unidade, hoje, entre o trabalho e a propriedade efetiva dos meios de produção, entre o *caracol e sua concha* conforme a bela metáfora de Marx, é o maior desafio da nossa sociedade. O que será um bom começo para o socialismo no século XXI.

Referências

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**, 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. 11.ed. São Paulo: Boitempo, 2010a.

ANTUNES, Ricardo. La dialética entre el trabajo concreto y el trabajo abstracto. **Herramienta**: debate y critica marxista, Buenos Aires, n.44, 2010b. Disponível em:
<<http://www.herramienta.com.ar/revista-herramienta-n-44/la-dialectica-entre-el-trabajo-concreto-y-el-trabajo-abstracto>>. Acesso em: ago. 2010.

MARX, K. Extractos de Lectura - James Mill. In: OBRAS de Marx y Engels OME Manuscritos de Paris y Anuários Franco-Alemanes - 1844. Barcelona: Grijalbo, 1978. p. 293 e 299.

_____. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1, Livro Primeiro, tomo 1, p. 149-150.